

Prémio
**Maria
José
Estanco**
Ordem dos
Arquitectos |
Câmara
Municipal de
Loulé



1.^a edição | 2025

Título Prémio Maria José Estanco – 1.ª edição | 2025
Textos Avelino Oliveira; Vítor Aleixo; Sofia Aleixo; Teresa Nunes da Ponte; Sofia Pontes; Ana Bordalo; Rui Seco; Júlio Sousa
Coordenação editorial Sofia Aleixo, Conselho Diretivo Nacional da OA
Revisão Cristina Meneses, Conselho Diretivo Nacional da OA
Produção Conselho Diretivo Nacional da OA / Cultura e Promoção da Arquitetura
Ana Paulista; Cristina Meneses; Rui Seco
Design gráfico Rafael Marques
Local de edição Lisboa
Data de edição 09 . 2025
Impressão Lidergraf - artes gráficas, S.A.
ISBN 978-972-8897-83-3
Depósito Legal 554209/25
Edição Ordem dos Arquitectos

Os conteúdos deste livro são da responsabilidade das diversas autoras das obras. As autorias de desenhos, fotografias e textos são indicadas de acordo com as fichas técnicas fornecidas

Agradecimentos Arquiteta Joana Roxo; Biblioteca – Centro de Documentação da OA; Museu Carlos Machado; Museu João de Deus, pela cedência de imagens

Patrocínio CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ



OA Todos os direitos reservados.

Todos os conteúdos, incluindo textos, imagens, ilustrações, fotografias, desenhos e qualquer outro material publicado nesta obra, estão protegidos por Lei, sendo expressamente interdita a sua reprodução, difusão ou transmissão, modificação, total ou parcial, sem o consentimento prévio por escrito da Ordem dos Arquitectos e das Autoras dos projectos candidatos e da vencedora do Prémio Maria José Estanco – 1ª edição 2025

- 05 **DO NASCIMENTO DE UM PRÉMIO SINGULAR**
AVELINO OLIVEIRA
- 07 **MARIA JOSÉ ESTANCO, UMA LOULETANA QUE NOS ORGULHA!**
VÍTOR ALEIXO
- 09 **PREMIAR ARQUITECTAS EM PORTUGAL**
SOFIA ALEIXO
- 019 **ACTA DO JURI (EXTRATO)**
TERESA NUNES DA PONTE, SOFIA PONTES E ANA BORDALO
- 021 **REGULAMENTO DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO PRÉMIO**
- 025 **MARIA JOSÉ ESTANCO, ARQUITETA – BIOGRAFIA**
RUI SECO
- 033 **APONTAMENTO GENEALÓGICO**
JÚLIO SOUSA
- 035 **CRONOLOGIA DA VIDA DE MARIA JOSÉ ESTANCO**
- 041 **CODA**
CONCURSO PARA A OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE ARQUITECTO, 1942
- 043 **PRÉMIO 1^a EDIÇÃO | 2025**
PAULA DEL RÍO HUESA | PRAÇA E POSTO DE TURISMO DO PIÓDÃO
- 061 **CANDIDATURAS**
- 135 **ENTREGA DO PRÉMIO E EXPOSIÇÃO,**
LOULÉ, 23 MARÇO 2025
- 141 **IDENTIDADE DO PRÉMIO**
RAFAEL MARQUES

M
FJ



1. As (discretas) arquitectas

Quando, a 26 de outubro de 2024, a Ordem dos Arquitectos – Secção Regional do Centro (OA-SRC) inaugurou a pioneira iniciativa *Arquitectas da Nossa Casa*, estava em elaboração o *Regulamento para a 1ª edição do Prémio Maria José Estanco*. Em Coimbra procurava-se resposta à pergunta: “como dar visibilidade a uma produção intelectual, artística e técnica, feminina?”.

Numa breve reflexão, que então escrevi, destaquei o papel social da arquitectura que, “finalmente!”, retomava o seu devido lugar nesta “divulgação verdadeiramente democrática da prática” da arquitectura por mulheres¹. Relembrei ainda, as *Exposições Nacionais de Arquitectura (ENA)* que, no final do século passado, divulgaram, até 1995² e também sem curadoria, centenas de obras de arquitectura construídas por membros da então Associação dos Arquitectos Portugueses³.

Esqueci então de mencionar, em 1990, a 1.ª *Trienal de Arquitectura de Sintra*⁴, iniciativa com a colaboração da Associação dos Arquitectos Portugueses, com prémio e exposição, que expôs todos os projectos enviados, do país e do estrangeiro. Como Michel Toussaint então escreveu: “no conjunto lado a lado, permitindo a observação crítica, num panorama o mais alargado possível”⁵. Ao reto-mar essa prática *upplugged*, numa ampla mostra que se estende para além da edificação, a OA-SRC afirmou a pluralidade de expressões da profissão e deu a conhecer a qualidade das obras feitas por arquitectas.

1 Curadoria? Não, obrigada! 31 de Janeiro de 2025, jornal *Público* - [psilon] [on-line].

2 Exposições Nacionais de Arquitectura (ENA): 1.ª ENA, 1975-1985 (AAP-SRS, 1986); 2.ª ENA, Anos 80 (AAP-SRS, 1989); 3.ª ENA, 1985-1992 (AAP-SRS-SRN, 1992). A 4.ª ENA (AAP-SRS, 1995) apresenta uma “selecção dos trabalhos (que) propõe ao cidadão uma reflexão sobre o interesse público da arquitectura e a responsabilidade dos arquitectos, nas questões da qualidade da arquitectura e do ambiente urbano em Portugal”.

3 Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP, 1978-1998) é a organização profissional precursora da Ordem dos Arquitectos.

4 A 1.ª *Trienal de Arquitectura*, promovida pela Câmara Municipal de Sintra, tinha como objetivo estimular a produção crítica e projectual da arquitectura portuguesa contemporânea. Para além do evento com 12 oradores convidados (cinco portugueses), incluiu uma exposição “dos projectos de arquitectos e equipas sediadas em Portugal (...) reflectindo uma vontade de consolidar o discurso arquitectónico nacional e dar visibilidade a práticas emergentes”. Tendo por mote “Moradia: o habitar poético”, de obra construída ou não, recebeu contribuições de seis arquitectas, como consta no respectivo catálogo: Teresa Almendra, Graça Nieto Guimarães, Cristina Veríssimo e ainda, em co-autoria, Cláudia Albino, Isabel Lacimy e Cristina Salvador.

5 Toussaint, Michel (1990) “A Moradia – Tema”. In *Catálogo da 1.ª Trienal de Arquitectura: A Arquitectura em Manifesto*. Dinalivro: Sintra, p. 20.

2. As arquitectas e Maria José Estanco

Diversos trabalhos de investigação têm surgido procurando identificar o contributo que arquitectas deram para o desenvolvimento da prática arquitectónica, da investigação e do ensino nos seus países. São disso meros exemplos, *Miradas Situadas: Arquitectura de Mujer en España desde Perspectivas Periféricas, 1978-2008*⁶, e *Women Architects in Portugal: building visibility*⁷, estudos que revelam nomeadamente os projectos e as obras construídas, e a participação de arquitectas em momentos relevantes da história da arquitectura dos seus países⁸.

Em Portugal, Maria José Estanco (Loulé 1905 - Lisboa 1999) tem motivado o interesse da academia, na área temática de estudos de género, por ter sido a primeira mulher a obter o Diploma, onde consta “Senhora Arquitecto”, denominação que recusou liminarmente⁹. Investigar a sua vida, pessoal e profissional, não tem sido tarefa fácil¹⁰ e tem revelado algumas fontes que apresentam datas díspares. Assim, e partindo da cronologia já elaborada por Joana Roxo em 2016¹¹, algumas destas datas que se fixaram na cronologia agora publicada para esta primeira edição do Prémio, apresentarão ainda a necessidade de confirmação. No entanto, o investigador Rui Seco apresenta uma breve biografia, complementada pela informação genealógica recolhida pelo historiador Júlio Sousa, contributos essenciais para mapear uma cronologia de vida desta arquitecta, de que se apresenta agora um breve resumo.

Após terminar o Liceu no Algarve, Maria José Estanco viajou de Loulé para Lisboa, onde faz o Curso para professores de Desenho, decidindo mais tarde, num momento marcante da sua vida e com absoluta determinação, mudar a sua formação e inscrever-se no curso de arquitectura. Aqui se destacou como “melhor aluno”, tendo tido apenas um colega “que era, como agora se costuma dizer, machista”¹², tendo tido como professores os “Mestres Monteiro, Lemos e Cristino da Silva”¹³, tendo tirocinado no atelier de Carlos Ramos, que lhe reconhece “zelo e competência profissional”¹⁴, e tendo sido avaliada por um exigente júri no seu CODA (Concurso para a Obtenção do Diploma de

6 Abordando o período 1978-2008 (desde a restauração democrática em Espanha até à crise mundial provocada pela queda do Lehman Brothers), este projecto foi financiado pelo Governo Regional de Valência e sediado no Instituto de Investigação em Estudos de Género da Universidade de Alicante, sendo ainda precursor da aplicação NAM (*Navegando Arquitecturas de Mujer*) que identifica e localiza as obras de arquitectura das mulheres estudadas.

7 O W@ARCH.PT research project foi apoiado pela FCT e investigou o período 1942-1986 (do ano de formação de Maria José Estanco ao ano em que Portugal é Membro da Comunidade Económica Europeia e em que se observa a difusão e massificação das escolas de arquitectura), sedeado no Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, do ISCSP-ULisboa (2018-2021).

8 Refira-se que a coordenadora deste projecto, a investigadora e activista feminista Patrícia Santos Pedrosa, lançou recentemente o livro *Arquitetas e a construção da visibilidade. Percursos a partir do contexto português* (2025), onde apresenta o seu olhar crítico e reflexivo sobre a história das mulheres arquitectas em Portugal.

9 “Sabe que foi por minha causa que se formou a palavra «arquitecta». Não queriam que eu fosse «arquitecta», queriam que eu fosse a «senhora arquitecto». Eu disse sempre «Não! Os femininos dos vocábulos terminados em «» formam-se em «». Ora, «arquitecto» passa a ser «arquitecta». E eu sou arquitecta! Nunca escrevi de outra maneira. É claro que isto irritou muita gente!”. *Entrevista a Maria José Estanco realizada pela Comissão Organizadora dos Registos Históricos da cidade de Marília*, 1986. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=pMtVyuWF4o&t=748s>.

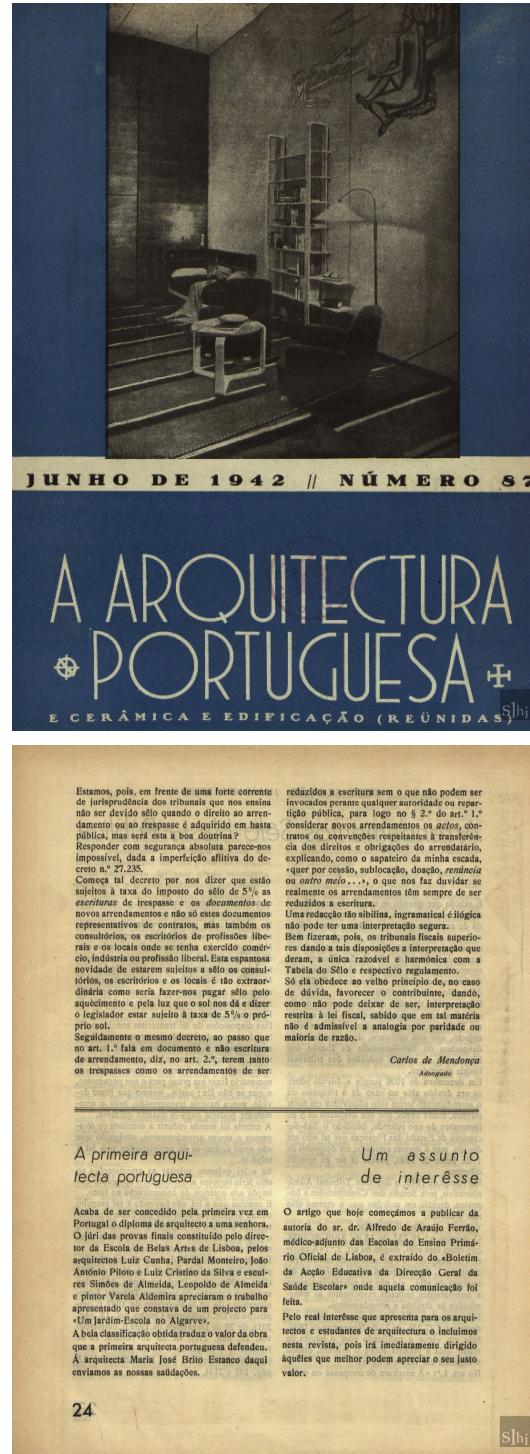
10 Como descreve Joana Roxo: “O trabalho de campo revelou-se exaustivo, devido à ausência de familiares vivos e à inexistência de um espólio, onde a cada momento surgiram novas pistas que ajudaram a uma melhor compreensão de quem foi esta mulher” (2016, p. 69).

11 Roxo, Joana (2016). «A Senhora Arquitecto: Maria José Estanco. Contribuição para o Estudo da 1ª Arquiteta Portuguesa. Projeto Final de Arquitetura, Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/13160>.

12 *Entrevista a Maria José Estanco...* (idem, nota 9).

13 De acordo com depoimento oral recolhido por Elisabeth Évora Nunes e Maria do Céu Borrêcho e publicado na Revista *Faces de Eva*, n.ºs 1-2, 1999, p. 224.

14 O Certificado de Tirocinio, correspondente ao período entre Novembro de 1939 e 28 de Março de 1942, assinado por Carlos João Chambers Ramos assim o refere (Roxo, 2016).



Arquitecto) ¹⁵, que lhe atribuiu a “bela classificação” de 16 valores ao projecto dum Jardim-Escola para o Algarve ¹⁶, dia em que se tornou a primeira mulher formada em arquitectura em Portugal ¹⁷, divulgada como a “Senhora Arquitecto” na rádio e imprensa nesse mesmo dia 27 de julho de 1942¹⁸.

Esta poderia ser a descrição da vida de um estudante de arquitectura, embora talvez não se lhe reconhecesse publicamente a data de defesa do CODA uma vez que seria “apenas” mais um arquitecto. O que poderá levantar algumas inquietudes na leitura da vida de Maria José Estanco, pelo percurso diferente em relação a um arquitecto, é o facto da sua vida académica ser descrita a par da sua vida familiar: a deslocação com a mãe de Loulé para Lisboa, necessária para cursar o ensino superior, o casamento com o pintor açoriano e neo-realista Raimundo Machado da Luz (1903-1985) que foi seu colega durante o curso, o nascimento do filho ¹⁹. À inquietude junta-se um certo incômodo quando chegamos à fase da sua vida em que, profissional inscrita no Sindicato Nacional dos Arquitectos (SNA) sob o n.º 91 ²⁰, a elaboração de projectos, como objectivo fundamental do curso frequentado, não encontra lugar onde ser praticada.

A Maria José Estanco é pedida a caderneta militar para poder ingressar na função pública ²¹, e em ateliers privados seria também um requisito ser homem, situação que os tempos de convívio e estudo na Escola de Belas-Artes não lhe tinham dado a prever ²². Será esta a razão de se lhe conhecer apenas uma concretização de um projecto de arquitectura ²³, de expressão condizente com o período temporal ²⁴. No entanto, o seu carácter determinado permite-lhe encontrar vários lugares onde uma imposição de invisibilidade da sua arquitectura ²⁵ não lhe retirou o direito à sua presença, deixando que o “silêncio na arquitectura”, enquanto edificação, encontrasse voz no ensino

011

Estamos, pois, em frente de uma forte corrente de jurisprudência dos tribunais que nos ensina não ser devido sólido quando o direito ao arrendamento ou ao trespasso é adquirido em hasta pública, mas será esta a boa doutrina? Resposta com segurança absoluta: parcerioso impossível, dada a imperfeição atípica do decreto n.º 27.235.

Contra tal decreto, pelo que diz respeito a este suposto direito, é devidamente estabelecido que o excesso de 5% de taxa de 3% de escrivano de trespasso e os documentos de novos arrendamentos e não só estes documentos representativos de contratos, mas também os consultórios, os escritórios de profissões liberais e os locais onde se realizam provas de que, cheio de contradições libertas. Faz espantosa novidade de estarem sujeitos a títulos os consultórios, os escritórios e os locais é o extrair-direitos, como seria fazer-nos pagar sólido pelo arrendamento e pela luz que o sol nos dá e dizer o legislador estar sujeito à taxa de 3% o próprio solário.

Seguidamente o mesmo decreto, ao passo que no art. 1.º fala em documento e não escritura de arrendamento, diz, no art. 2.º, terem tanto os trespassos como os arrendamentos de ser

reduzidos a escritura sem o que não podem ser invocados perante qualquer autoridade ou repartições públicas, para logo no § 2.º do art. 1.º considerar novos arrendamentos os actos, contratos, escrituras e outras manifestações de transferência dos direitos e obrigações do arrendamento, explicando, como o sapateiro da minha escada, quer por cessão, sublocação, doação, renúncia ou outro meio..., o que nos faz duvidar se não é de arrendamentos iba sempre de ser reduzidos a escritura.

Uma redacção tão sutilista, ingrançada e ilógica não pode ter uma interpretação segura.

Bem fizermos, pois, os tribunais fiscais superiores dão-lhe a sua disposição e harmonização que devem a instância e harmonizar com a Tabela do Stilo e respectivo regulamento.

Só ela obedece ao velho princípio de, no caso de dúvida, favorecer o contribuinte, dando, contudo, para deliberação a seu interlocutor, resultado fiscal salvo se em matéria

não é admissível a analogia por paridade ou maioria de razão.

Carlos de Mendonça

Até aqui é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a de Carlos de Mendonça, que é o que se pode dizer, mas

que tal obra, alguma coisa deve haver de ser feita, e o que é certo é que esta obra é a

liceal²⁶, na escrita na secção de decoração de interiores e criação de móveis que cria na revista *Modas & Bordados*²⁷, nas respostas a entrevistas publicadas em revistas portuguesas²⁸, na produção e comercialização de peças de mobiliário e de jóias²⁹ que, inclusive, lhe permitirá ter disponibilidade económica para conhecer diversos países, na participação activa no MDM – Movimento Democrático de Mulheres³⁰ cuja adesão se deverá à amizade com Maria Lamas, e no reconhecimento público (tardio?) do seu percurso numa multiplicidade de expressões potenciadas pelo seu conhecimento da profissão³¹.

Este silêncio, feito a partir do que poderá ser interpretado como uma invisibilidade imposta, tornou afinal preciosas as suas raras palavras³². A “extrema complexidade que se revela no jogo do silêncio e da palavra”³³, que Alain Corbin refere como representativo da sociedade rural, terá, eventualmente, sido apreendido por Maria José Estanco no seu local de origem, no seu percurso até à cidade, na sua visitação com 22 anos a uma cidade em construção no Brasil, e na sua confrontação com uma inesperada situação profissional, assumindo que “quem cala está disponível para escutar e não para consentir”. E desse silêncio terá surgido a professora liceal e a activista reconhecida³⁴.

26 A investigação de Joana Roxo (2016) disponibiliza documentos sobre a sua actividade de ensino. Exerce a docência em Lisboa, nos liceus Maria Amália Vaz de Carvalho (1935-36), Passos Manuel/secção masculina (1936-41) e Filipa de Lencastre (onde começo em 1934-35, regressando em 1942-46). Em 1947 ganha concurso para se efectivar como professora no Porto no Liceu Rainha Santa Isabel, onde permanece até 1952, data em que pede a exoneração para regressar a Lisboa por nomeação para o Instituto de Odivelas. Neste Instituto, curiosamente dependente do Ministério do Exército que, em última instância, lhe terá negado o acesso à profissão de arquitecta na função pública, é professora de Desenho, onde ensina a criação e produção de jóias em estanho e cobre, e ainda de restauro de azulejos. Registe-se que utiliza o período de Verão para se ausentar “em viagem turística” em 1952 (Espanha), renovando os pedidos em 1958 (França), 1965 (França, Suíça, Alemanha Ocidental, Bélgica, Holanda, Inglaterra), 1967 (França, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia), 1969 (Espanha, Brasil, Argentina), 1970 (“estrangeiro”), de que traz postais para partilhar com as suas alunas. Maria José Estanco encontrou nesta instituição do Estado, que afinal lhe tinha fechado a porta no início da profissão, uma porta para conhecer o mundo, que explorou até à sua aposentação, por limite de idade, em 1975.

27 A revista *Modas e Bordados*, *Vida Feminina* (1912-1977), até 1938 suplemento do jornal *O Século*, encontrou em Maria Lamas, autora de *As Mulheres do Meu País* (1947-1950), uma directora que aí (entre 1928 e o ano em que apresenta a sua demissão, 1946) valoriza o trabalho profissional da mulher. Em conjunto com a revista *Eva* (1925-1989), constituem estes periódicos femininos testemunhos de um período de limitação da afirmação das mulheres como profissionais na sociedade portuguesa.

28 Publicada na *Modas & Bordados*, *Vida feminina*, onde dá uma entrevista a Judith Maggiolly publicada sob o título “Mulheres que trabalham. A primeira arquitecta portuguesa [Maria José Estanco]”, 3 de fevereiro de 1937 (n.º 1304, pp. 5-7); e em 1999 à revista *Faces de Eva – Estudos sobre a Mulher* (n.os 1-2, pp. 223-225), em entrevista de Elisabeth Évora Nunes e Maria do Céu Borrêcho, como “pioneer” na profissão, no ano em que Maria José Estanco viria a falecer.

29 “Sonho e vida em gestos de mulheres”, exposição organizada pelo Espaço 8 de Março do MDM, no Institut Franco-Portugais, nas comemorações do Dia Internacional da Mulher, 8 de março de 1986, com pinturas, gravuras, esculturas, fotografias, tecelagem, livros infantis ilustrados por mulheres, tapeçaria e trapologia. Aqui, Maria José Estanco expõe ourivesaria (Roxo, 2016).

30 Maria Lamas é fundadora do MDM, que por sua vez é precursor do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, de que foi presidente entre 1945-1947. Maria José Estanco representou o MDM na Conferência Mundial de Mulheres (Praga, 1981) organizada pela FDIM – Federação Democrática Internacional das Mulheres. Em 1993, o Conselho da Nacional do MDM atribuiu-lhe a Medalha de Distinção de Honra, que distingue “qualquer indivíduo ou colectivo cuja acção a nível nacional se destaque em defesa dos direitos das mulheres, ou seja, símbolo da luta emancipadora das mulheres em Portugal”. In <https://mdm.org.pt/maria-joe-estanco/>

31 Como mulher, a entrada «Maria José Estanco» está incluída em diversas obras colectivas, de acordo com Pedrosa, P.S. (2013). Em Fouqué, A.; Didier, B. e Calle-Grauber, M. (eds), *Le Dictionnaire Universel des Créestrices*, Vol. I. Paris: Les Editions des Femmes, p. 1457 (disponível in https://www.academia.edu/9266431/Maria_Jos%C3%A9_Estanco); António Nóvoa (2003), *Dicionário de Educadores Portugueses*. Lisboa: Edições Asa, pp. 519-520; Américo Lopes de Oliveira (1981), *Dicionário de mulheres célebres*. Porto: Lello, p. 367; Glória Maria Marreiros (2000), *Quem Foi Quem? 200 Algarvios do Século XX*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 187-188 Estranhamente não está incluída, nem na 1.ª edição (1991) nem na 2.ª edição (2017) do livro do antigo presidente da Ordem dos Arquitectos, José Manuel Pedreirinho, *Dicionário dos Arquitectos. Activos em Portugal do Século I à Actualidade*.

32 Terá encontrado o lugar para se expressar participando, ainda antes de 1974, no Movimento Democrático de Mulheres, participando no 3.º Encontro Nacional (1977), e no I Congresso onde é eleita para o Conselho Nacional (1980). Internacionalmente, participa nos Congressos da Federação Democrática Internacional das Mulheres (FDIM) em Praga (1981) e em Moscovo (1958? 1987). Foi ainda membro da direcção do Conselho Português para a Paz (secção de desarmamento).

33 Corbin, Alain (2025). *História do Silêncio*. Lisboa: Quetzal ed., p. 129.

34 Associada a uma referência espacial urbana, e como reconhecimento e homenagem, a toponímia nacional identifica Maria José Estanco como Arquitecta e Professora liceal (1905-1999) em ruas localizadas em três cidades distintas. Num Bairro de ruas com nomes de arquitectos, sendo a única mulher, em Algueirão-Mem Martins (Sintra), em Carnide (Lisboa) e em São Clemente (Loulé), preservando deste modo o seu nome na história da Arquitectura em Portugal.



Divulgação de outorga de Membros Honorários da OA, 2024.

3. Divulgação e premiação de arquitectura feita por arquitectas

Estudos sobre o primeiro quartel do século XX demonstram que as mulheres raramente foram contempladas em exposições internacionais³⁵, sendo estas reconhecidos veículos para o reconhecimento público, que contribuem para reforçar os estatutos profissionais. Essa realidade, felizmente, observa uma significativa mudança nos dias de hoje, incentivada também pelas oportunidades de exposição e divulgação que diversos concursos proporcionam. De facto, no contexto internacional, várias iniciativas já premeiam arquitectas, através de diversos promotores, reconhecendo nomeadamente arquitectas com menos de 45 anos que lideram os seus próprios escritórios, arquitectas que se destaquem no exercício nacional, arquitectas com carreiras internacionais de excelência na prática profissional, arquitectas que se dedicam à crítica ou à escrita sobre arquitectura, arquitectas com papel de liderança na comunidade profissional, arquitectas que contribuíram para os campos da arquitectura e da construção, e arquitectas que conjugam investigação, inovação, sustentabilidade ambiental e questões sociais. Sendo reconhecido o papel das mulheres professoras na formação e na implementação de práticas pedagógicas³⁶, e reconhecendo-se a sua presença nos vários níveis de ensino e progressivamente mais nos cursos de arquitectura nacionais, desconhece-se prémio dedicado às arquitectas que ensinam, constituindo uma oportunidade a considerar em futuras edições deste abrangente prémio.

Retomando o cenário internacional, salienta-se terem as revistas de arquitectura³⁷ sido das primeiras a estar atentas a esta necessidade de premiar arquitectas, reconhecendo o papel cada vez mais visível das mulheres na profissão, incentivando as empresas a promoverem as arquitectas e o seu trabalho, e oferecendo uma oportunidade para aqueles que se encontram na área se reunirem para celebrar as conquistas da arquitectura. No entanto, é sabido que se tem observado um difícil percurso no que se refere ao Prémio Pritzker³⁸.

Em Portugal, essa distinção tem sido praticada pela Ordem dos Arquitectos através da outorga de Membro Honário, embora sem intento de colmatar uma eventual lacuna de representatividade. Mas também aqui, os ventos mudam, e os silêncios ouvem-se. No presente mandato, a Ordem dos Arquitectos já outorgou a três das actuais nove arquitectas esta distinção³⁹.

³⁵ Boussahba-Bravard, M. & Rogers, R. (eds) (2018). *Women in International and Universal Exhibitions, 1876-1937*. New York: Routledge.

³⁶ Pedrosa, 2025.

³⁷ Indicando os anos das primeiras edições, referimos alguns exemplos de prémios para arquitectas organizados por: 1) revistas de arquitectura – *W Awards* (2023), originalmente denominados *Women in Architecture awards* (2012, organizado pelo *AJ Architects' Journal* e *The Architectural Review*, nas categorias *Moira Gemmill prize for Emerging Architecture*, *MJ Long prize for Excellence in Practice*, *Jane Drew prize* e *Ada Louise Huxtable Prize*) e *arcVision Prize – Women and Architecture* (2013, organizado pela revista *arcVision*); 2) ordens representativas dos arquitectos – *Women in Architecture (WIA) Recognition Award* (2022, *American Institute of Architects – AIA*, em colaboração com o *Center for Architecture*); *Lilly Reich Grant for Equality in Architecture* (2020, *Conselho Superior de los Colegios de Arquitectos de España e Fundació Mies van der Rohe*); *Prix des Femmes Architectes* (2013, *Association pour la Recherche sur la Ville et l'Habitat – ARVHA*, com apoio do Ministério da Cultura francês, do Ministério dos Direitos das Mulheres e da Ordem dos Arquitectos, em quatro categorias: Jovem Arquitecta, Obra Original; Arquitecta e Internacional); 3) plataformas de prémios - *Tamayouz Women in Architecture and Construction Award* (2020, nas categorias *Women of Outstanding Achievements* e *Rising star*), entre outros.

³⁸ Criado em 1979, e de periodicidade anual, apenas seis mulheres venceram o Prémio Pritzker, o equivalente ao Prémio Nobel da Arquitectura; Zaha Hadid (2004), Kazuyo Sejima (2010, fundadora com o arquitecto Ryue Nishizawa do atelier SANAA), Carme Pigem (2017, fundadora com os arquitectos Rafael Aranda e Ramon Vilalta do atelier RCR), Yvonne Farrell (2020, fundadora com a arquitecta Shelley McNamara do atelier Grafton Architects) e Anne Lacaton (2021, fundadora com Jean-Philippe Vassal do atelier Lacaton & Vassal). Para as arquitectas, 1991 foi um ano relevante, quando o júri escolheu Robert Venturi não premiando a sua mulher e sócia, Denise Scott Brown, com quem trabalhava há 22 anos.

³⁹ Homenagem a título póstumo a Cristina Salvador (2011), Olga Quintanilha (2014), Maria José Marques da Silva (2021), Ana Tostões (2016), Isabel Raposo (2017), Helena Roseta (2019) e, no presente mandato (2003-2006), Alexandra Gesta, Teresa Fonseca, e Teresa Nunes da Ponte (as três em 2024).

4. O Prémio Maria José Estanco (1.ª edição)

O Plano de Actividades da AO, publicado em 2024, previa neste mandato a criação do Prémio Nacional Maria José Estanco, iniciativa com âmbito e impacto nacional que procuraria o reconhecimento e valorização do trabalho das mulheres arquitectas, promovendo e incentivando a participação plena e efectiva das mulheres na arquitectura, a igualdade de oportunidades na liderança e na tomada de decisão na prática da profissão. Esta iniciativa procurava implementar uma estratégia de inclusão, proporcionar o reconhecimento do trabalho feminino e o sentimento de pertença e acolhimento das mulheres na OA.

Para a definição do âmbito inovador da primeira edição procuraram-se também exemplos internacionais de prémios organizados pelas instituições que representam nacionalmente a profissão. Refira-se, como exemplo, em Espanha, os *Prémios Arquitectura 2024*, organizados pelo *Consejo Superior de los Colegios de Arquitectos de España (CSCAE)*, que distinguem os valores culturais da arquitectura, do urbanismo e de outras formas de exercer a profissão, como relevantes para a melhoria contínua do bem-estar colectivo e, por isso, premiáveis em 12 categorias.

A aventura de concretizar a primeira edição de um Prémio pioneiro em Portugal, dedicado a obras de mulheres e aos valores socioculturais embebidos nas suas obras, terá tornado o desafio convitativo para a profissão agora, neste momento em que chegámos ao primeiro quartel do século XXI. Procuramos ultrapassar obstáculos, desenvolver ideias e progredir num percurso iniciado por Maria José Estanco em 1942 e que, em 50 anos de democracia, demonstram (ainda hoje) ser necessário dar continuidade. Mas sem necessidade de considerar como uma luta, no sentido de adversários, combates, conflitos, ou confrontos. Das definições da palavra “luta”, o *Dicionário Académico das Ciências* disponibiliza aquela que melhor identificará o que é necessário (ainda) fazer: “esforço, empenho para atingir um objectivo”, o de premiar arquitectas pela responsabilidade social que orienta a prática da profissão, para que o impacto no dia-a-dia dos cidadãos da sua arquitectura contribua para o bem-estar dos cidadãos, sendo sustentável, inclusiva e bela e, assim, promovendo o sentido de pertença aos lugares, às vilas, aos concelhos, ao país e à Europa.

Foi esta mulher “montanheira”⁴⁰, de Loulé, que inspirou a criação de um prémio nacional de arquitectura, para além do território a Sul, sendo abrangente na vontade de conhecer outras culturas e outras geografias como, silenciosamente, fez Maria José Estanco. Numa época em que os silêncios se estão de novo a impor, fazer da ausência da palavra – e da aparentemente inerente invisibilidade que terá caracterizado a presença das mulheres nesta profissão – a oportunidade de expressar a prática da arquitectura nas suas diversas manifestações e da sua avaliação pública através de exposições, permitirá que imagens de arquitectura enviadas pelas candidatas potenciem a valorização da qualidade dos espaços habitados e divulguem a relevância da profissão para a sociedade.

Se na pintura “a imagem é silêncio que fala”⁴¹, nas exposições de arquitectura o bem-estar que o silêncio da observação proporciona resultará da leitura do tempo e do lugar criado por estas arquitectas.



Divulgação da 1º edição do Prémio Maria José Estanco, 2025.

40 “Eu nem sequer sou da cidade, eu sou como se diz lá na minha terra montanheira, nasci no monte, no campo”, *Entrevista a Maria José Estanco* (idem, nota 9)

41 Max Picard in Corbin, Alain (2025). *História do Silêncio*. Lisboa: Quetzal ed., p. 101.



Divulgação da 1º edição do Prémio Maria José Estanco, 2025.

tas autoras, por vezes em co-autoria. O silêncio potencia a curiosidade, disponibiliza para a surpresa e o encantamento. As emoções que uma exposição de imagens de arquitectura pode potenciar são inúmeras e apelam à predisposição com que se observam e apreendem os ambientes construídos. Por não permitirem a visita física ao espaço, as exposições de arquitectura, e os seus catálogos, são limitadores da comunicação do potencial da criação. A arquitectura é para ser vivida, experienciada em diversas dimensões, onde os cheiros, a temperatura, o contexto, a companhia, participam na criação de significados, partilhados ou não. No entanto, será este o modo de melhor divulgar e registrar momentos que são relevantes para a história da arquitectura em Portugal.

Serão estes concursos de iniciativa das ordens profissionais que apresentam os “resultados palpáveis, insofismáveis, a diferentes níveis, apesar das grandes limitações de meios humanos a nível directivo”, face à “necessária credibilidade junto da Administração Pública e dos responsáveis políticos”, já dizia Nuno Teotónio Pereira no seu discurso de tomada de posse⁴². E, por essa razão, se propôs a parceria à Câmara Municipal de Loulé (CML), que encontrou neste prémio um modo de homenagear de modo significativo,⁴³ a nível nacional, as mulheres e a sua arquitectura⁴⁴.

5. Regulamento e Júri

Reconhecendo os novos modos de autoria em arquitectura, particularmente depois da passagem da *Troika* e do *Covid* pelo nosso país, onde a criatividade fez emergir “colectivos” de profissionais que se conheceram ainda enquanto estudantes, no desenho do Regulamento do novo Prémio definiu-se a distinção de “obras de qualidade da autoria ou co-autoria de arquitecta”⁴⁵, centrando na valorização do papel sociocultural da arquitectura, criação e implementação com que a OA se tinha comprometido na sua candidatura ao presente mandato. E tal não poderia deixar de ser. Afinal, pretendia-se homenagear a primeira arquitecta portuguesa, que durante toda a sua vida exerceu de modos tão diversos a aprendizagem que a formação académica lhe proporcionou.

Na definição do júri procurou-se a representatividade profissional nacional e regional e do patrocinador, o município de origem da homenageada. O trabalho seria exigente, e incerto, uma vez que se tratava da 1.ª edição. A disponibilidade para avaliar imagens e descrições de intervenções arquitectónicas com o objectivo de premiar uma proposta é uma tarefa ingrata, agradecendo-se ao Júri, a quem se reconhece o esforço na definição de critérios que cumpram com o estipulado em Regulamento. Procurando criar um novo Prémio abrangente da multiplicidade de expressões que a

⁴² Pereira, Nuno Teotónio (2024). “1987-1989 Nuno Teotónio Pereira, tomada de posse...”. In Aleixo, Sofia (coord.) (2024). 50_25 Arquitectura em Democracia. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, pp. 16-17.

⁴³ A premiada recebeu um troféu, uma placa para afixar na obra, um diploma e um prémio monetário no valor de 15 000€. A OA concebeu e produziu uma exposição itinerante, e um catálogo lançado em evento com conferência.

⁴⁴ Registe-se que esta autarquia já tinha tido o Prémio de Arquitectura e Urbanismo do Município de Loulé (edição 2010-2011) onde premiou “obras novas, conjuntos e espaços verdes, de utilização colectiva... de recuperação e reabilitação”, valorizando “o enquadramento e articulação com a envolvente, a criatividade e originalidade, e o rigor da construção” (Artigo 2.º do Regulamento), de obras concluídas entre Janeiro de 2004 e Dezembro de 2007.

⁴⁵ O Regulamento, passível de ajustamentos resultantes da repercussão desta pioneira iniciativa, abria-se à diversidade de tipos de intervenção, de utilização, de dimensão/escala e de gerações de arquitectas portuguesas recentemente saídas das escolas ou com significativa prática profissional, quer em nome individual, quer em duplas ou colectivos, prática que tem registado um aumento significativo neste século XXI.

arquitectura pode tomar, também pelas mãos de mulheres arquitectas como Maria José Estanco demonstrou, nesta primeira edição (2025), optou-se por abrir candidaturas a obras definidas “como projecto de arquitectura construído, de autora ou co-autora portuguesa, que tenha sido construída em território europeu⁴⁶ (de iniciativa pública ou privada, nova edificação ou intervenção em edifício existente) e que contribui para a sustentabilidade dos valores socioculturais do lugar (enquanto pessoas e sítio) onde se localiza”, como consta no Regulamento. Procurava-se que este Prémio constituísse um marco na história da arquitectura em Portugal ao celebrar o compromisso da arquitectura para com a sociedade, demonstrando a sua capacidade transformadora que contribui para a qualidade do nosso quotidiano. E assim também inovou este prémio ao valorizar os processos de projecto que reconhecem, na sustentabilidade social da arquitectura, o seu desígnio. E assim também contribuiu para os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável proporcionando oportunidades de aprendizagem para todos (ODS4), contribuindo para a igualdade de género (ODS5), e incentivando arquitectas a tornar as cidades e comunidades inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis (ODS11).

6. Das Candidaturas

O Prémio Maria José Estanco promove a diversidade cultural europeia revelando a evidência dos novos tempos ao encontrar, numa arquitecta nascida e formada fora de Portugal, o reconhecimento dos valores socioculturais que dão significado à arquitectura portuguesa, potenciando a sua continuidade, enquanto actualizando para a contemporaneidade, em proposta que potencia a estima, e, como tal, a sustentabilidade desses lugares. A proposta seleccionada pelo júri ilustra igualmente o conceito da *New European Bauhaus* que defende ambientes construídos agradáveis e atractivos, defendendo que mesmo as comunidades mais pequenas merecem espaços de vida que melhorem o seu bem-estar e sentimento de pertença. Ao promover soluções não só sustentáveis, mas também inclusivas e belas, respeitando simultaneamente a diversidade do lugar, as tradições e a cultura local, no geral, as intervenções candidatas transmitem uma silenciosa serenidade, seja em espaços públicos, equipamentos, ou na habitação, prevalecendo a moradia, relembrando a 1.ª Trienal, de 1990.

As candidaturas apresentadas por 15 arquitectas, num universo que então⁴⁷ ainda não representava metade dos membros da Ordem dos Arquitetos, são indicadoras de esperança de que esta nova geração está preparada para o futuro. Nova, porque das candidatas à 1.ª edição do Prémio Maria José Estanco, apenas uma se inscreveu como membro na década de 1980, observando-se sete inscritas na primeira década do século XXI, seis na segunda, e três na terceira década deste século, o que sugere a disponibilidade das jovens arquitectas em se apresentar à competição, em se apresentarem ao escrutínio público do seu trabalho, seja individual, seja em co-autoria.



46 Uma geografia a ser objecto de reflexão na 2.ª edição.

47 Em Março de 2025, 10 159 arquitectas tinham inscrição activa na OA. Em Setembro de 2025 são já 10 363.

Candidaturas ao Prémio MJE, 1º edição | 2025, distribuídas pelas Secções Regionais da OA (Norte ; Centro; Lisboa e Vale do Tejo; Alentejo; Algarve) e Europa

Curiosamente, e considerando o ano de nascimento, 12 candidatas nasceram já em Democracia, e Paula del Río Huesa, a mais jovem, nascida em Espanha em 1995 e com 14 anos de prática, foi a vencedora. Estes serão sinais de novos tempos, sinais de que a qualidade da arquitectura e o contexto onde se insere requerem a compreensão dos valores socioculturais do lugar. E essa capacidade de leitura e interpretação não terá nacionalidade, emergindo a competência e a qualidade deste prémio que se disponibiliza à validação dos visitantes em exposição itinerante.

7. O futuro do Prémio Maria José Estanco (que se deseja próximo)

Embora já em 1960, Maria Lamas tenha afirmado que “a condição da mulher é o índice do nível de uma sociedade”⁴⁸, então num contexto de ditadura onde é bem conhecido o papel “reservado” à mulher profissional, foi apenas em 2024 que uma imposição legal⁴⁹ introduziu a promoção da igualdade entre homens e mulheres no Estatuto⁵⁰ da nossa profissão. Este facto indica que as mulheres em Portugal, e a arquitecta em particular, estão num índice que necessita de direito legal para se elevar, o que reflecte o diminuto reconhecimento efectivo de igualdade pela sociedade tendo até, afinal, de ser imposto aos seus pares.

Iniciativas como o presente Prémio, procuram contribuir para alterar esta situação na expectativa de que – pelo crescente número de mulheres inscritas na OA⁵¹, cuja arquitectura está a ganhar uma significativa presença na paisagem construída, no ensino, e na investigação, e num futuro que se deseja próximo, seja necessário adaptar o Regulamento e, homenageando a primeira “Senhora Arquitecto” formada há mais de 8 décadas e após 50 anos de Democracia, se premeie a obra de arquitecta e/ou arquitecto.

Sofia Aleixo, Vocal Eleita do Conselho Diretivo Nacional da OA

A autora não escreve ao abrigo do Acordo Ortográfico de 1990

48 Maria Lamas, “As primeiras leis da República e a Mulher”, *Seara Nova*, n.º 1378-79-80, Set.-Out. 1960, p. 226.

49 A Lei n.º 26/2019, de 28 de Março, vem estabelecer o regime da representação equilibrada entre homens e mulheres no pessoal dirigente e nos órgãos da Administração Pública.

50 Alteração ao Estatuto da OA pela Lei n.º 12/2024, de 19 de Janeiro, no que concerne às listas de candidatos aos órgãos electivos das associações públicas profissionais.

51 Incluo alguns dados quantitativos que permitirão um enquadramento dos resultados desta 1.ª edição do Prémio Maria José Estanco. Em Setembro de 2025, a OA, num total de 23 104 membros activos, tem 44,8% de mulheres. Suspensos, por pedido do/a próprio/a, estão 6 074, em que 54,2% são mulheres. Os membros estagiários activos são 879, contando 56,3% mulheres. E se o membro mais idoso feminino inscrito foi Maria José Marques da Silva, em 1914, actualmente o membro mais jovem da OA, nasceu em 2000, terminou o curso em 2023 em Lisboa, e inscreveu-se em 2025 com um número muito próximo de 30 500: este membro é uma mulher.